

# A verdade instrumental do pragmatismo de James como critério do método construtivo de C. G. Jung

Felipe Lima BARBUGIANI

Curitiba, PR, Brasil.

## Resumo

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar as influências do pragmatismo de William James na psicologia de C. G. Jung. Os objetivos específicos foram sintetizar as influências epistemológicas do pragmatismo na psicologia complexa e analisar a influência dos pressupostos do método de James com o método construtivo de Jung. Trata-se de uma revisão de literatura crítica e explicativa, fundamentada no método hermenêutico. O artigo introduz noções básicas do pragmatismo e traça a reconstrução histórica das influências epistemológicas do pragmatismo na psicologia de Jung. Em seguida, apresenta as críticas e assimilações que Jung estabeleceu para o pragmatismo na psicologia complexa. Segue, então, pela investigação da relação entre os critérios do juízo espiritual de James com o método construtivo de Jung. O estudo evidenciou que os fundamentos epistemológicos e metodológicos do pragmatismo são relevantes para a psicologia de Jung, com destaque para a concepção da verdade pragmática como critério permanente da psicologia analítica. Pode-se concluir que os critérios do juízo espiritual de James mostram-se de grande relevância para avaliar o fator eficaz na interpretação dos símbolos na prática da psicoterapia proposta por C. G. Jung.

## Conflito de interesses:

O autor declara não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.

## Descritores

psicologia junguiana, pragmatismo, epistemologia, metodologia.



Recebido: 02 maio 2022; 1ª revisão: 26 jul 2022; Aprovado: 12 ago 2022; Aprovado para publicação: 11 nov 2022.

## The instrumental truth of James' pragmatism as criterium of C. G. Jung constructive method

---

### Abstract

The overall objective of this research was to investigate the influences of William James' pragmatism on C. G. Jung psychology. The specific objectives were to synthesize the epistemological influences of pragmatism on complex psychology and analyze the influence of the James's method premises with Jung's constructive method. It is the review of critical and explanatory literature, founded on the hermeneutic method. The article introduces basic notions of pragmatism and outlines the historical reconstruction of epistemological influences of pragmatism on Jung's psychology. After that, it presents the critique and assimilation that Jung established for pragmatism in complex psychology. It then follows with the investigation of the relationship between the criteria of spiritual judgment of James with the constructive method of Jung. The study made evident the relevance of the epistemological and methodological foundations of pragmatism for Jung's psychology, specially the conception of the pragmatic truth as permanent criterion of analytic psychology. It can be concluded that the James' spiritual judgment criteria are greatly relevant to assess the effective factor for the interpretation of the symbols in the practice of psychotherapy proposed by C. G. Jung.

### Descriptors

junguian psychology; pragmatism; epistemology; methodology.

## La verdad instrumental del pragmatismo de James como criterio del método constructivo de C. G. Jung

---

### Resumen

El objetivo general de este estudio fue investigar las influencias del pragmatismo de William James sobre la psicología de C. G. Jung. Los objetivos específicos fueron sintetizar las influencias epistemológicas del pragmatismo en la psicología compleja y analizar la influencia de las premisas del método de James con el método constructivo de Jung. Se trata de una revisión, fundamentada en el método hermenéutico, de literatura crítica y explicativa. El artículo introduce nociones básicas del pragmatismo y esboza la reconstrucción histórica de las influencias epistemológicas del pragmatismo

sobre la psicología de Jung. Luego presenta las críticas y asimilaciones que Jung estableció para el pragmatismo en la psicología compleja. Continúa entonces con la investigación de la relación entre los criterios del juicio espiritual de James y el método constructivo de Jung. El estudio puso en evidencia que los fundamentos epistemológicos y metodológicos del pragmatismo son relevantes para la psicología de Jung, destacándose la concepción de la verdad pragmática como criterio permanente de la psicología analítica. Es posible concluir que los criterios del juicio espiritual de James se muestran extremadamente relevantes para evaluar el factor efectivo para interpretar los símbolos en la práctica de la psicoterapia que C. G. Jung ha propuesto.

### **Descritores**

psicología junguiana, pragmatismo, epistemología, metodología.

## **Introdução**

A obra de C. G. Jung (1875–1961) é permeada por influências epistemológicas e metodológicas de autores de diferentes áreas do conhecimento humano. Um dos pesquisadores que influenciou Jung, e que tem sido pouco pesquisado neste sentido, é o psicólogo e filósofo norte-americano William James (1842–1910) e sua filosofia pragmática.

De acordo com Shamdasani (2003/2021), James e Jung encontraram-se pessoalmente duas vezes nos últimos dois anos de vida do norte-americano. O historiador aponta que Jung dedicou um capítulo a James – e Flournoy – no manuscrito original de “Memórias, sonhos e reflexões” – controverso livro nomeado de autobiografia – que foi omitido na publicação final. Neste capítulo, Jung afirmou que considerava James um modelo, por ser uma pessoa extraordinária e de personalidade aberta. Entre ambos, estabeleceu-se uma relação positiva e horizontal. Ademais, o suíço indicou um débito intelectual com James, por ele ter-lhe fornecido pressupostos metodológicos para a formulação de uma psicologia que não fosse neurótica (Shamdasani, 1999).

Há diversos pressupostos de James que influenciaram Jung: tipologia, pluralismo e pragmatismo (Shamdasani, 2003/2021); e investigação das experiências religiosas e teoria das emoções (Resende, 2016). De acordo com Taylor (1980), James teria influenciado a atitude pragmática assumida por Jung para formular sua noção de ciência em psicologia. Taylor (1980) aponta que James forneceu pressupostos para Jung ampliar o conceito de energia psíquica, além de proposições significativas para sua elaboração do inconsciente coletivo. Segundo Pinheiro (2021), o método que James utilizou na investigação das experiências religiosas tem um paralelo com o método junguiano.

O presente trabalho teve como propósito revisar e sintetizar as influências de James na psicologia de Jung, assim como analisar minuciosamente as influências dos critérios do juízo espiritual de James em relação ao método construtivo da psicologia analítica.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter explicativo, fundamentada no conceito de revisão crítica de literatura, em que o material sobre determinado assunto é resumido, analisado e sintetizado, segundo as evidências disponíveis (Mancini & Sampaio, 2006). Optou-se por utilizar o método hermenêutico, com vistas a extrair das palavras um significado mais abrangente daquele que está exposto, compreendendo o seu sentido, de acordo com as intenções das perguntas e respostas estabelecidas (Gadamer, 1960/2014).

Este artigo apoiou-se na dissertação de Resende (2016), que evidenciou uma aproximação da psicologia analítica com o modelo *jameseano*. Ademais, pretendeu-se enriquecer os fundamentos epistemológicos e metodológicos da psicologia de Jung, à luz do seu projeto de uma psicologia empírica.

## Introdução ao pragmatismo de William James

De acordo com James (1907/2006), o termo pragmatismo deriva da palavra grega que corresponde à ação, designando algo prático. O autor definiu o pragmatismo como um princípio “para atingir uma clareza perfeita em nossos pensamentos em relação a um objeto, pois, precisamos apenas considerar quais os efeitos concebíveis de natureza prática que o objeto pode envolver” (p. 45). De acordo com James, o método pragmático tem como objetivo assentar disputas metafísicas: “É o mundo um ou muito? – predestinado ou livre? – material ou espiritual? [...] o método pragmático nesses casos é tentar interpretar cada noção traçando as suas consequências práticas respectivas” (James, 1907/2006, p. 44).

Na obra “Pragmatismo”, James (1907/2006), destaca que o pragmatismo é uma filosofia que busca soluções prospectivas práticas, rejeitando as soluções verbais, e “volta-se para o concreto e o adequado, para os fatos, ação e o poder” (p. 47). O norte-americano pontua que o pragmatismo pressupõe uma atitude empírica, afastando-se tanto da filosofia racionalista – que investiga as origens absolutas através de sistemas intelectuais fechados – quanto do materialismo crasso – que busca as causas absolutas na matéria. De acordo com James, investigar os princípios do espírito e da matéria em si são atividades intelectuais estagnantes, mas estes princípios “tão indiferentes quando tomados retrospectivamente, assinalam, quando tomados prospectivamente, perspectivas totalmente diferentes de experiência” (James, 1907/2006, p. 69).

Para caracterizar o pragmatismo, James (1907/2006) descreveu dois tipos de espírito humano: o *tender-minded* (espírito moderado), em oposição ao *tough-minded* (espírito radical). O primeiro dá primazia aos princípios e abstrações, enquanto o segundo é empírico e se orienta por fatos concretos. Ocorre que, segundo James, enquanto o racionalista perde-se nas abstrações e, com isso,

perde também o contato com a vida concreta, o materialista devota-se aos fatos, mas perde de vista os importantes valores humanos. James (1907/2006) afirmou que o pragmatismo busca conciliar ambos os pontos de vista, avaliando as proposições através dos efeitos práticos, pois, tanto os fatos quanto os princípios são válidos e úteis na vida prática.

Segundo James (1907/2006), o pragmatismo é um método, mas “em sentido ainda mais amplo, como significando também uma certa **teoria da verdade**” (p. 49). De acordo com o autor, considera-se que “a verdade de uma ideia não é uma propriedade estagnada nessa ideia. **Acontece** ser a verdade uma ideia. Esta **torna-se** verdadeira, é **feita** verdadeira pelos acontecimentos” (p. 113). O autor aponta que essa noção de verdade instrumental permite a flexibilização das teorias, de modo a torná-las atalhos conceituais que permitem uma compreensão sintética dos fenômenos, não para se estagnar nos conceitos como verdades absolutas, mas para utilizá-los como ferramentas de trabalho, pois, “a verdade em nossas ideias significa seu poder de ‘trabalhar’” (James, 1907/2006, p. 50, destaque do autor).

## Fundamentos epistemológicos do pragmatismo na psicologia complexa

De acordo com Taylor (1980), James influenciou em larga medida a atitude científica de Jung, tornando-se um guia espiritual para o suíço após o término de sua colaboração com Freud. O autor afirma que o pragmatismo de James forneceu bases para Jung reformular sua noção de libido. No prefácio das conferências realizadas por Jung em 1912 na Fordham University em Nova Iorque, o suíço declarou abertamente que havia adotado a regra pragmática:

Adotei como diretriz a regra pragmática de William James: “Você deve extrair o valor prático de cada palavra e colocá-lo em ação dentro da corrente de sua experiência. Isto parece menos, então, uma solução do que um programa de mais trabalho e mais, sobretudo, uma indicação dos meios pelos quais se podem mudar realidades existentes. **As teorias tornam-se, portanto, instrumentos e não respostas a enigmas, em que possamos nos apoiar.** Não nos detemos nelas. Nós avançamos e, por vezes, mudamos a natureza com sua ajuda” (Jung, 1912/2020, p. 98, destaque do autor).

Nessa conferência, Jung (1912/2020) afirmou ainda que o instinto da fome não é um epifenômeno do instinto sexual e que o fenômeno da esquizofrenia seria mais bem explicado como uma exaltação psicológica do instinto da fome, isto é, um exagero da autopreservação do indivíduo. Adotando uma atitude pragmática, o suíço afirma que “as teorias científicas são apenas sugestões de como se poderiam considerar as coisas” (§241, p. 119). Após conceber a libido enquanto um desejo geral, Jung (1912/2020) afirma: “**declaro que a libido com a qual operamos é não somente concreta ou desconhecida, mas também uma incógnita absoluta, uma pura hipótese, uma**

**imagem ou uma ficha de jogo, tão intangível quanto a energia do mundo das concepções físicas”** (§282, p. 135, destaque do autor). Percebe-se que Jung faz uso da concepção pragmática de verdade instrumental, considerando as ideias como atalhos conceituais para compreender os fenômenos no processo de verificação.

No prefácio dessa conferência – redigido posteriormente – Jung (1912/2020) destacou que chegou a resultados semelhantes aos de Alfred Adler, apresentados em sua obra “Do caráter nervoso”, na qual o autor propõe uma explicação sobre as neuroses com base no princípio do poder, de maneira diametralmente oposta ao princípio da sexualidade defendido pela escola freudiana. Para Jung (1912/2020) ambas as explicações eram relativamente satisfatórias e deviam ser consideradas de acordo com a regra pragmática.

De acordo com Shamdasani (2003/2021), Jung analisou o trabalho de Adler e aproveitou para criticar o estilo de revisão dos psicanalistas da época, cujos apontamentos eram menos fundamentados em um posicionamento científico e mais pautados em preconceitos da equação pessoal dos pesquisadores. Segundo o historiador, foi nesse contexto que Jung indicou que o futuro da psicanálise dependia do conhecimento da própria equação pessoal, via análise didática do psicoterapeuta, com o intuito de evitar preconceitos e projeções tanto na clínica quanto na produção científica (Shamdasani, 2003/2021). Ele afirma ainda que Jung preocupou-se em estabelecer uma perspectiva que permitisse a construção de uma psicologia geral para além do “nada, exceto”, expressão utilizada por James que o suíço adotaria para se referir à redução de um fenômeno complexo a uma constituição elementar ou neurótica do pesquisador (Shamdasani, 2003/2021). Sobre a expressão, James, em sua obra “Pragmatismo” (1907/2006), explica que “o que é mais alto é explicado pelo que é mais baixo, e tratado para sempre como um caso de ‘nada, a não ser’ – nada, a não ser qualquer coisa outra de uma espécie completamente inferior” (p. 31).

A concepção da equação pessoal surgiu na astronomia, quando percebeu-se que havia diferenças nos cálculos dos trânsitos estelares devido à subjetividade do observador (Shamdasani, 2003/2021). Essa concepção revela um problema epistemológico, exaustivamente apontado por James na tentativa de estabelecer a possibilidade de a psicologia vir a adquirir um status científico. Em “The Principles of Psychology”, James (1890/1950) afirmou que os pesquisadores buscam enxergar no fenômeno somente aquilo que é *a priori* concebido para ser visto, conseqüentemente, o pesquisador não procura, nos fatos, o fenômeno empírico livre de pressupostos, mas o enxerga através de sua **equação pessoal**.

Na obra “Pragmatismo”, James reformulou a concepção de equação pessoal em dois traços típicos: o temperamento moderado em oposição ao temperamento radical (Shamdasani, 2003/2021). James (1907/2006) esclarece que, ao proporem suas ideias, a grande problemática dos filósofos reside na premissa de que consideram suas visões de mundo como puramente objetivas e não fundamentadas em preconceitos temperamentais. De acordo

com James, esse conflito poderia ser solucionado com o pragmatismo, adotando-se a regra pragmática para verificar as consequências práticas das proposições de ambos os temperamentos.

James exerceu uma influência epistemológica significativa nas formulações da psicologia analítica a respeito dos temperamentos opostos. De acordo com Jung (1917/2020), a escola de Adler compreendeu a neurose sob o ponto de vista do poder e da finalidade, enquanto a escola de Freud, a partir da sexualidade e da causa. Jung destaca que os posicionamentos unilaterais adotado por ambas as escolas neste debate originaram-se de visões de mundo inconsciente, compreendendo que a teoria freudiana corresponderia ao temperamento radical descrito por James, enquanto a teoria *adleriana*, ao temperamento moderado (Shamdasani, 2003/2021).

Na obra “Psicologia do inconsciente”, Jung (1917/2020) adotou a regra pragmática ao analisar um mesmo caso de neurose através da teoria freudiana de “Eros”, e da teoria *adleriana* do “poder”, e concluiu que ambas resultaram em explicações igualmente satisfatórias. Jung questionou qual das concepções seria a verdadeira e concluiu que “esta disparidade não pode ser outra coisa senão uma **diferença de temperamento**, uma oposição entre dois tipos de espírito humano” (§60, p. 54, destaque do autor), ressaltando que James já havia notado a existência desses dois temperamentos entre os pensadores. Jung pontuou que provavelmente ambos os analistas trataram os dois tipos de neurose somente através de seus próprios temperamentos e não segundo o temperamento do paciente. Nesse sentido, os princípios de Eros e do poder mostraram-se como verdades parciais; a psicologia geral deveria conceber uma pluralidade de “verdades” instrumentais, exigindo uma atitude pragmática para aplicar o princípio correto de acordo com o temperamento do indivíduo analisado (Jung, 1917/2020). Em última instância, segundo Jung (1916/2020, p. 161), a psicologia tem que reconhecer “um pluralismo de princípio [...] [sendo que] este é o único caminho que evitará o impasse [...] [e que] a psicologia deve muito ao trabalho precursor de William James”.

Para fazer justiça aos dois tipos, Jung percebeu a necessidade de criar uma teoria tipológica que estivesse acima das posições antinômicas, considerando-as igualmente (Jung, 1917/2020). Shamdasani (2003/2021) destaca que, em uma carta escrita no ano de 1919, Jung afirmou que a publicação da obra “Tipos psicológicos” tinha como propósito resolver o problema das atitudes contraditórias das escolas da psicanálise e estabelecer um status científico para a psicologia.

Na obra “Tipos psicológicos”, Jung (1921/2020) dedicou um capítulo para tratar da tipologia de James, esboçada em “Pragmatismo” (1907/2006), obra na qual ele elencou diversas qualidades do *tender-minded*, descrevendo-o como racionalista, idealista e indeterminista, em oposição ao *tough-minded*, um empirista, materialista e determinista. Uma das críticas de Jung (1921/2020) a essa caracterização reside no fato de a tipologia de James preocupar-se somente com a **função pensamento** e na possibilidade de as

qualidades secundárias de um tipo pertencerem ao outro e vice-versa. Porém, o suíço reconhece que James foi o primeiro a abarcar o problema dos opostos sob o ponto de vista psicológico e que sua concepção pragmática tem o mérito de conciliar as oposições entre as ideias filosóficas condicionadas pelo temperamento.

Além de Jung correlacionar o temperamento moderado com a atitude introvertida – abstrativa – e o radical com a extrovertida – empática –, há outra importante oposição psicológica desses temperamentos que Jung (1921/2020) analisa: o **indeterminismo** em oposição ao **determinismo**. Essa antinomia aparece como critério fundamental em uma posterior elaboração do conceito de libido na obra “A energia psíquica”.

Segundo Jung (1928/2020), os fenômenos físicos podem ser considerados à luz de uma perspectiva mecanicista, característica da empatia ou atitude extrovertida; ou energética, característica da abstração ou atitude introvertida, e que “a predominância de um ou de outro ponto de vista depende menos do comportamento das coisas do que propriamente das disposições psicológicas do pesquisador e do pensador” (Jung, 1928/2020, §5, p. 15).

Dessa maneira, Jung (1928/2020) propôs a necessidade de se considerar essa antinomia como um problema epistemológico, na medida em que a psique do pesquisador condiciona a produção do conhecimento científico. Jung defende que sua proposta de energia psíquica leva em consideração as causas como meio para se atingir uma finalidade, sintetizando ambos os pontos de vista.

Em anos posteriores, Jung (1930/2020) esclareceu suas divergências em relação às psicologias de Adler e Freud, tendo em vista que sua psicologia baseava-se no princípio dos opostos e considerava uma pluralidade de complexos psíquicos autônomos. Jung mostrou-se parcialmente satisfeito com as conceituações das duas teorias, porém, em oposição às explicações redutivas que retornam sempre ao condicionamento infantil, afirmou: “Dou maior ênfase à explicação construtiva ou sintética, com base no fato de que o amanhã é praticamente mais importante do que o ontem, e o ‘de onde’ é menos essencial do que o ‘para onde’” (Jung, 1930/2020, §759, p. 324). O autor conclui apontando que a cura de uma neurose não ocorre por um efeito mágico de recordações do passado, mas pela mudança de atitude do indivíduo no presente, pois a neurose é produto de um conflito moral mantido pela atitude orientada unilateralmente “no agora”.

À medida que as teorias de Eros e do poder fundamentavam as bases para Jung compreender as neuroses, a regra pragmática lhe serviu como ferramenta para aplicar os princípios corretos, de acordo com o material empírico apresentado (Jung, 1921/2020). Em oposição ao ponto de vista unilateralmente redutivo, a compreensão construtiva de Jung concebe as fantasias também em seu aspecto prospectivo e positivo, com base na concepção da verdade pragmática. Assim, afirmou Jung (1921/2020) acerca de sua noção de verdade instrumental: “a verdade não é eterna, é um programa a ser cumprido. Quanto mais ‘eterna’ uma verdade, menos vida e

valor terá; nada mais poderá dizer-nos porque é evidente” (§84, p. 73). Para James (1907/2006), a verdade instrumental e o pluralismo complementam-se, já que o “relato de verdade é um relato de verdades no plural” e, por isso, “a verdade é **feita**” (p. 127, destaque do autor).

Outras influências do pragmatismo na psicologia complexa ficaram evidentes em uma conferência realizada por Jung (1936/2020), em Harvard, onde ele apresenta as “Determinantes psicológicas do comportamento humano”. Sobre esta conferência, Resende (2016) destaca a influência da pluralidade de instintos que James descreveu na obra “The Principles of Psychology” com a diversidade de instintos – fome sexualidade, atividade, reflexão e criatividade – apresentados por Jung. Resende (2016) reitera que além desta, há ainda a influência da mobilidade funcional de um instinto para outro, permitindo a variação e transformação da psique, como expressa Jung (1926/2020, §156, p. 91): “Tenhamos o cuidado de não considerar a alma como um sistema rígido e imutável, mas como algo que vai acontecendo, algo de móvel e fluente, que se altera constantemente [...] pela atuação alternada de instintos diferentes”. Ademais, Jung (1936/2020) finalizou a conferência destacando três pontos principais: (i) a problemática dos opostos como base constitutiva de uma psicologia crítica; (ii) a complexidade de fatores a serem considerados em uma psicologia puramente empírica e que levam ao fracasso da tentativa de construção de uma teoria abrangente que os transforme em pressupostos simples; e (iii) a psique sendo, simultaneamente, objeto e sujeito do conhecimento psicológico. Jung encerrou a conferência com uma calorosa dedicatória a James:

Deixei de mencionar muitos nomes ilustres, mas há um nome venerável que não quero omitir: é o de William James, a cuja visão psicológica e a cuja filosofia pragmática devo os mais decisivos estímulos e sugestões em minhas pesquisas. Foi seu espírito largo e abrangente que me descerrou até o incomensurável os horizontes da psicologia humana (Jung, 1936/2020, §262, p. 71).

Percebe-se que os três pontos indicados acima interligam-se com as influências do pragmatismo na psicologia de Jung: a problemática dos opostos relacionada à visão de mundo condicionada pelos temperamentos; a necessidade de se adotar o princípio do pluralismo em psicologia, evitando a unilateralidade dos princípios antinômicos; a dificuldade em estabelecer uma epistemologia em psicologia, considerando a problemática da equação pessoal.

## **A investigação do espírito: os pressupostos de James na obra de Jung**

Os fenômenos espirituais são um tema de interesse mútuo para James e Jung, de tal modo que as referências ao pragmatista norte-americano já aparecem na tese de doutorado “Sobre a psicologia e patologia dos fenômenos

chamados ocultos”, apresentada por Jung em 1902 (Resende, 2016). Ambos os autores não tinham pretensões em buscar respostas metafísicas acerca do espírito, mas se preocuparam em compreender o fenômeno dos pontos de vista empírico e psicológico.

O conceito de espírito foi definido psicologicamente por Jung (1919/2020) como um complexo do inconsciente coletivo. Jung (1945/2020) afirma que, fenomenologicamente, o espírito apresenta-se tanto como movimento quanto como formador de conteúdos tipicamente humanos, sendo “um complexo funcional, que originalmente era sentido, em nível primitivo, como uma presença invisível, a modo de um sopro. [E que] William James descreveu este fenômeno primordial em suas ‘Varieties of Religious Experiences’” (§388, p. 210). Resende (2016) destaca a influência dessa obra nas proposições de Jung, à medida que James elencou as diversas variedades das experiências religiosas e Jung reconheceu uma pluralidade de manifestações do fenômeno do espírito – razão, pensamento, vontade, ideais, fantasma, imago e Deus, sendo este último o nível absoluto.

Resende (2016) esclarece ainda que a obra “Varieties” influenciou Jung, principalmente, em dois aspectos: (i) a compreensão da religião como um fenômeno natural e intrínseco à natureza humana, passível de ser vivenciada de forma subjetiva como uma experiência original, independente da mediação de uma instituição tradicional; e (ii) a psicologia dinâmica e subliminar que propôs o estabelecimento de uma comunicação entre a consciência e o subconsciente. Para Resende (2016), esses aspectos são complementares, uma vez que James considera que os conteúdos religiosos emergem da região subconsciente e que é através dessa experiência imediata que existe a possibilidade de uma integração entre os aspectos contraditórios da personalidade.

Resende (2016) destaca ainda que essas influências *jameseanas* aparecem na obra “Psicologia e religião”, de Jung (1939/2020), na qual ele estabelece seus critérios a respeito da religião, primeiramente, como sendo uma atitude típica do espírito humano, consistindo em uma observação cuidadosa de fatores dinâmicos – numinosos –, não causados arbitrariamente pela consciência. Jung destacou que o termo “numinoso”, de Rudolf Otto, pode ser compreendido como a presença ou efeito de objetos visíveis ou influxos invisíveis que produzem uma transformação especial na consciência. Tal definição assemelha-se aos conceitos de James apontados em “Varieties”, como seu critério pragmático de avaliação dos efeitos dos objetos na consciência:

Todas as nossas atitudes, morais, práticas ou emocionais, bem como religiosas, devem-se aos “objetos” da nossa consciência, às coisas que acreditamos existirem, seja real, seja idealmente, junto de nós. Tais objetos podem estar presentes aos nossos sentidos, ou podem estar presentes apenas ao nosso pensamento. Em qualquer um desses casos, eles provocam em nós uma **reação**; e a reação produzida por coisas do pensamento é, notoriamente, em muitos

casos, tão forte quanto a produzida por presenças sensíveis. Pode ser até que seja mais forte (James, 1902/1991, p. 55, destaque do autor).

Essa reação causada pelos “‘objetos’ da nossa consciência” relaciona-se estritamente com a mobilização de afetos (James, 1902/1991). Resende (2016) aponta que Jung fundamentou-se na teoria das emoções de James, inicialmente proposta em “The Principles of Psychology”, para estabelecer a teoria dos complexos. Nesta obra, Resende (2016) reitera que o pragmatista propõe que a emoção corresponde somente a uma reação fisiológica reflexa; já na obra “Varieties”, a emoção apresenta-se como condição necessária para que haja a transformação da personalidade através da experiência religiosa. Sobre o valor das transformações oriundas das experiências religiosas, James afirmou que:

A força espiritual realmente aumenta no sujeito quando ele as tem, uma nova vida abre-se para ele, e elas lhe parecem um sítio de confluência em que se encontram as forças de dois universos; e, no entanto, isso pode ser apenas a sua maneira subjetiva de sentir as coisas, um estado de espírito da própria fantasia, apesar dos efeitos produzidos (James, 1902/1991, p. 409).

Destaque-se que essa visão de James assemelha-se à perspectiva do processo de individuação de Jung, em que se estabelece uma relação entre a consciência e os conteúdos do inconsciente coletivo. Jung apontou os efeitos desse processo:

A única coisa que podemos constatar é seu notável efeito sobre a personalidade consciente. O fato de essa mudança intensificar a sensação de vida e manter sua fluidez deve levar-nos a concluir que uma função toda especial lhe é inerente. Poderíamos falar de uma nova ilusão [...] [mas] aquilo que chamamos de “ilusão” é, talvez, uma realidade psíquica de suprema importância. A alma, provavelmente, não se importa com nossas categorias de realidade. Parece que para ela é **real** tudo o que, antes de mais nada, é **eficaz** (Jung, 1929/2020, §111, p. 64, destaque do autor).

Resende (2016) reitera que, ao descrever o processo de individuação em “O eu e o inconsciente” (OC 7/2), Jung assinala o paralelo que existe entre o processo de individuação e as experiências religiosas imediatas, que foram analisadas na obra “Varieties”, de James. Nesse sentido, percebe-se que o fator emocional ou numinoso para Jung se relaciona com o fator eficaz e a condição de transformação da personalidade de acordo com o processo de individuação. Este ponto apresenta-se como um eixo fundamental de concordância entre os autores. Para James (1902/1991), a experiência religiosa é o verdadeiro fator de cura da divisão da personalidade, assim como para Jung, em uma afirmação explicitada em uma carta de 1945:

○ interesse principal do meu trabalho não está no tratamento das neuroses, mas numa aproximação do numinoso. O fato é que o acesso ao numinoso é a verdadeira terapia e na medida em que [sic] se chega às experiências numinosas, há uma libertação da maldição da doença. A própria doença assume um caráter numinoso (Jung, 1945/2002, p. 381)

James também exerceu influência sobre Jung quando ele elaborou o conceito de arquétipos do inconsciente coletivo (Taylor, 1980). De acordo com Shamdasani (2003/2021), a última formulação conceitual do inconsciente coletivo de Jung – “Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico” (1946) – aproxima-se do campo extramarginal proposto por James. O historiador pontua que o fato de Jung formular o inconsciente coletivo como uma múltipla consciência, alinhar-se-ia com a abordagem do norte-americano. Resende (2016) destaca ainda que, assim como James entendeu que tais elementos do campo subconsciente ou extramarginal possuíam recordações, pensamentos e sentimentos, como se fossem dotados de subconsciências, Jung compreendeu que os complexos eram dotados de autonomia, percepções e atividades compulsivas ou obsessivas como se fossem subpersonalidades.

## Críticas e assimilações do pragmatismo na psicologia de Jung

Shamdasani (2003/2021) conta que, no ano de 1915, Jung escreveu uma carta para Hans Schmid, relatando que precisava da abordagem pragmatista para lidar com o problema controverso das teorias de Freud e Adler. Por mais que o suíço admirasse de forma ilimitada William James, não conseguia deixar de se sentir estéril com o pragmatismo. O historiador indica que Jung relatou que foi o conceito de “irracional” de Bergson que o libertou da esterilidade do pragmatismo.

Em “A interpretação psicológica dos processos patológicos”, Jung (1914/2020) afirma que o seu método construtivo corresponde ao método intuitivo de Bergson, reiterando que “a grande diferença é que me limito apenas ao trabalho prático e psicológico” (§423, p. 214). Mesmo que não estivesse de acordo com os moldes da ciência vigente na época, o critério de verdade do método construtivo teve como justificativa a evidência do valor vital, que se apresentava de acordo com a interpretação simbólica (Shamdasani, 2003/2021). O valor vital foi o termo utilizado por Jung (1921/2020) para designar o critério pragmático que é percebido através de seus efeitos práticos na vida. Assim, Jung expressou-se sobre ser este o critério da verdade de seu método no desenvolvimento da personalidade:

Configuram-se então certas linhas de desenvolvimento psicológico [...] seu valor, no entanto, é atestado pelo extremo **valor vital** dessas linhas. E o que ocorre no tratamento prático é que o importante é a

vida proporcionada ao homem e não que os princípios de sua vida possam ser demonstrados racionalisticamente [sic] como “certos” (Jung, 1916/2020, p. 164, destaque do autor).

Essa crítica ao racionalismo e consequente adoção do valor vital como critério pragmático é reiterada quando Jung (1926/2020, §172, p. 103) afirma: “Nosso intento é compreender a vida da melhor maneira possível [...] [e que a psicologia] não deverá petrificar-se sob a forma de uma teoria intelectual, mas deverá tornar-se um instrumento de trabalho, que aperfeiçoará suas propriedades pela aplicação prática”. Além de ser evidente a importância que Jung continuou atribuindo à regra pragmática – conceitos como instrumento de trabalho –, o autor aponta que a elaboração de teorias não é sua meta, mas uma consequência dos resultados empíricos que melhoram a vida em termos práticos, ressaltando sua atitude pragmática.

Na obra “Tipos psicológicos”, Jung (1921/2020) teceu elogios e críticas ao método pragmático. Para o autor, a atitude pragmática permite fazer justiça aos temperamentos opostos, porém, “por mais imprescindível que seja o método pragmático, pressupõe resignação demais e se liga quase inseparavelmente a uma falta de realização criadora” (Jung, 1921/2020, §606, p. 334). Ainda segundo Jung (1921/2020), a solução para o conflito dos opostos ocorre “exclusivamente por criação ou ação positiva que assume os opostos como elementos necessários de coordenação [...] [e que] o pragmatismo não pode ser outra coisa do que atitude transitória que prepara o caminho do ato criador afastando preconceitos” (§606, p. 334). De acordo com Jung, Bergson apontou o caminho do método intuitivo, mas quem realmente utilizou-se de um método intuitivo foi Nietzsche (1883/2021), na produção do “Assim falava Zaratustra”.

Observa-se que à medida que Jung estabelecia críticas e limites para o método pragmático, o critério de verdade de seu método ainda seguiu embasado no valor vital do pragmatismo. À vista disto, mostra-se pertinente analisar os argumentos dos comentaristas acerca do pragmatismo em relação à psicologia analítica, assim como o posicionamento do próprio Jung em tempos ulteriores.

Segundo Wahba (2019), Jung abandonou o pragmatismo, porém, manteve a sabedoria prática dessa filosofia. A autora afirma que esse afastamento ocorreu quando Jung compreendeu a importância do irracional. Nagy (2003) assinala que a psicologia de Jung não é pragmática, em razão da crítica que ele teceu na obra “Tipos psicológicos”. A partir de um ponto de vista favorável ao pragmatismo, Pereira (2007) propõe que não se trata de um abandono, mas de uma ambivalência que o suíço estabeleceu com todas as filosofias, assimilando e reelaborando os elementos que lhe eram pertinentes. Resende (2016) também segue essa linha, ao afirmar que, mesmo com as críticas apresentadas, os fundamentos dessa filosofia mantiveram-se incorporadas na psicologia de Jung, de modo a dispensar exaustivas referências ulteriores. Respectivamente, Pereira (2007) e Resende (2016) defendem que os fundamentos do pragmatismo orientam a prática clínica e

que a psicologia analítica está de acordo com o modelo de psicologia proposto por James.

Em favor desses últimos argumentos, é interessante apresentar um trecho de Jung que se encontra na introdução da obra “Studien Zu C. G. Jungs Psychologie”, de Toni Wolff. Nele, o suíço afirma que seus conceitos psicológicos são empíricos e pragmáticos:

É claro que essa atividade terapêutica não é filosofia no sentido moderno da palavra, muito embora aqueles que não conhecem a matéria psicológica caiam sempre e de novo no mesmo erro de confundir seus **termos puramente empíricos e pragmáticos** como conceitos filosóficos ou, até mesmo, como alegações metafísicas [tradução e destaques nossos] (Jung, 1958, p. 12).

Reitera-se que no capítulo do livro “Memórias, sonhos e reflexões” dedicado a Flournoy – encontra-se nos apêndices –, Jung & Jaffé (1961/2016) afirmam que Flournoy foi “bastante influenciado pelo pragmatismo de William James; esta doutrina não se ajusta bem ao espírito alemão, não tendo, pois, nele encontrado o eco que merecia [...] o pragmatismo desempenha, precisamente em psicologia, um papel que está longe de ser negligenciável” (p. 358).

Jung, em uma entrevista de 1960, destacou a importância do valor vital das antigas ideias universais como critério de utilidade:

Ninguém deve ser dissuadido pela objeção bastante idiota de que ninguém sabe se essas antigas ideias universais – Deus, imortalidade, livre arbítrio etc. – são “verdadeiras” ou não. A verdade é, neste caso, o critério errado. Pode-se apenas perguntar se tais ideias são úteis ou não, se o homem se sente melhor e se sente sua vida mais completa, mais significativa e mais satisfatória com ou sem elas (McGuire & Hull, 1977, p. 391).

Tal afirmação vai ao encontro do conceito da verdade pragmática. Para James (1907/2006), o valor prático das ideias verdadeiras corresponde à importância do valor prático dos objetos envolvidos. O autor reitera que a noção de verdade instrumental considera que a ideia “‘é útil porque é verdadeira’ ou que é ‘verdadeira porque é útil’ [...] [pois] verdadeira é o nome para qualquer ideia que inicie o processo de verificação, útil é o nome para sua função completada na experiência” (p. 114).

Segundo Shamdasani (2003/2021), essa noção da utilidade das ideias verdadeiras apresenta-se como critério para justificar a cientificidade do método de Jung, rebatizado de amplificação. O historiador destaca que, em cartas de 1960, o psiquiatra Bennet escreveu a Jung, afirmando que sua hipótese do inconsciente coletivo apresentava explicações satisfatórias para determinados fatos psicológicos, porém, carecia de fundamentos científicos. Jung sentiu-se ofendido e respondeu que:

A única prova de uma teoria científica era sua aplicabilidade [...] Bennet insistia que a aplicabilidade de uma teoria não constituía prova científica. A isso Jung reagiu especificando que, ao mencionar o termo aplicabilidade, ele não estava querendo dizer a aplicação prática de uma teoria na terapia, mas “sua aplicação como princípio de compreensão e como recurso heurístico para se atingir uma finalidade” [...] essa ênfase no valor heurístico das teorias atesta a importância permanente que o pragmatismo tinha para Jung (Shamdasani, 2003/2021, p. 114).

Percebe-se que o recurso heurístico relaciona-se com a regra pragmática e com a verdade instrumental, à medida que a amplificação mostra-se como ferramenta para construir a verdade do indivíduo de acordo com sua finalidade, isto é, possibilitar que o valor vital que se apresenta nas imagens simbólicas possa ser compreendido e assimilado na vida prática do indivíduo.

Ao retomarmos a definição de James (1907/2006), o pragmatismo é tanto um método quanto uma teoria da verdade. Do ponto de vista do método, Jung aponta que ele é necessário para lidar com as antinomias, mas lhe falta o elemento criativo para a unificação dos opostos. Porém, à luz da teoria da verdade, as evidências apontam que ele se mantém como critério fundamental e permanente da cientificidade da psicologia complexa e do método construtivo da psicologia analítica. Diante dessa problemática, mostra-se pertinente analisar as influências dos pressupostos do método de James em relação ao método de Jung, com o intuito de elucidar essa questão.

## **Aproximações entre o juízo espiritual de James e o método construtivo de Jung**

Segundo Pinheiro (2021), há uma estreita relação entre os critérios do método que James utiliza na obra “Varieties” com o método de Jung, no que se refere aos princípios da causalidade e da finalidade. Pinheiro destaca as críticas de ambos para a unilateralidade, do ponto de vista da causalidade, e o uso que eles fazem do princípio da finalidade – para quê –, a fim de compreender o sentido funcional dos fenômenos.

Essa concepção é sustentada pelo próprio Jung. Em 1917, Sabina Spielrein escreveu a Jung, elaborando uma interpretação a respeito de um material simbólico e o questionando: “Qual é então a interpretação justa?” (Carotenuto, 1984, p. 138). Jung respondeu-lhe que: “A interpretação correta (analítica ou construtiva, cf. O conteúdo da psicose, 2ª ed.) de um símbolo é aquela que revela o maior valor para nossa vida (uma visão pragmática)” (Wharton, 2001, p. 190, tradução do autor). Nessa mesma carta, Jung afirma que os símbolos são dúbios e podem ser compreendidos tanto em seu aspecto rebaixado – concretista ou instintivo – quanto elevado – simbólico ou espiritual –, exemplificando que a última ceia pode significar canibalismo ou união em Cristo.

Nessa referência supracitada da segunda edição de “O conteúdo da psicose”, há um apêndice intitulado “A interpretação psicológica dos processos patológicos”, em que Jung (1914/2020) opôs **método analítico** ao **método construtivo**. O primeiro tem como base a compreensão retrospectiva – causalidade – do material simbólico, enquanto o segundo, a compreensão prospectiva – finalidade – do símbolo. Jung destaca que o método analítico revela os componentes mais simples e elementares da fantasia, enquanto o método construtivo tem como propósito compreender o sentido do devir do material simbólico.

Essa diferenciação apontada por Jung assemelha-se à proposição de James. No primeiro capítulo da obra “Varieties”, James (1902/1991) descreveu dois métodos para se investigar o fenômeno da religião: (i) **juízo existencial**, que se baseia no estudo da origem, da natureza e a história das experiências religiosas, em oposição ao (ii) **juízo espiritual**, que avalia o sentimento, impulso subjetivo e a importância do valor da experiência. De acordo com James, o primeiro estabelece a causa da experiência, enquanto o segundo, seu valor prospectivo e seus bons frutos.

Tanto Jung (1914/2020) quanto James (1902/1991) teceram críticas acerca da explicação científica unilateralmente embasada no princípio da causalidade. Da mesma forma como Jung (1914/2020) argumenta que explicar “as necessidades religiosas e filosóficas da humanidade [...] segundo o princípio do ‘nada mais do que’” (§423, p. 214) são insatisfatórias para compreender o valor dos símbolos – como se o fossem subprodutos de processos instintivos –, James (1902/1991) critica a concepção do juízo existencial que tenta explicar as experiências religiosas como epifenômenos de processos fisiológicos, corporais ou de repressões sexuais. Os dois autores elucidaram essa questão com exemplos.

A partir da obra “Fausto”, de Goethe (1832/2019), Jung (1914/2020) afirma que pode até ser possível elaborar uma conexão entre a sexualidade infantil ou um desejo de poder do autor em relação à obra de arte – reduzir o complexo e desconhecido para o simples conhecido. Porém, Jung destaca que isso somente explica a origem da obra, mas não o “sentido tão vigoroso da criação [...] [o] efeito vivo que [a obra artística] exerce em nosso espírito” (§398, p. 204). Reitera-se que Jung (1914/2020) assinalou que este sentido apreendido não pretende uma objetividade, mas sim uma compreensão subjetiva.

Por sua vez, James (1902/1991) argumenta ser inútil lançar mão de uma explicação orgânica ou médico-materialista para explicar um fator espiritual, como a visão de São Paulo em Damasco, causada por uma descarga violenta do córtex occipital decorrente de sua epilepsia, ou emoções religiosas que emergem de uma insatisfação sexual. Em outras palavras, James argumenta que a explicação do “nada mais que” uma disposição orgânica esteriliza a revelação dos bons frutos da experiência. O pragmatista pontua que a vida religiosa depende tanto do corpo como qualquer outro fenômeno da vida, e

qualquer juízo existencial que reduza a experiência religiosa à matéria, perde de vista o seu valor espiritual.

Nesse sentido, Jung e James afirmam que compreender a causa é necessário para investigar os fenômenos patológicos. Da mesma maneira que Jung (1914/2020) não nega que o autor de uma obra de arte possa ser neurótico, mas que essa neurose não explica o símbolo, James (1902/1991) afirma que pouco importa se uma santa for histórica. Para os autores, respectivamente, o símbolo que se revela na obra de arte ou os bons frutos da experiência religiosa não devem ser compreendidos pela causa, mas sim em sua relação prospectiva do futuro, para entender seja o seu sentido, seja seu valor vital. Do ponto de vista de Jung (1914/2020), a compreensão do símbolo revela-se de acordo com o **método construtivo**, ao passo que, para James (1902/1991), revela-se segundo sua proposição de valor ou **juízo espiritual**.

O **método construtivo** de Jung (1914/2020) pressupõe que o conteúdo simbólico do inconsciente coletivo seja analisado de acordo com as tendências subjetivas do devir da personalidade individual. O autor afirma que o seu método busca compreender o fim salvífico do material simbólico, o motivo de redenção na criação subjetiva do sentido, assim como possibilitar a elaboração de uma *weltanschauung* – filosofia de vida e visão de mundo – que tenha validade subjetiva e não teórica e objetiva.

O **juízo espiritual** de James (1902/1991) tem como propósito avaliar os resultados das experiências religiosas de acordo com um julgamento de valor subjetivo. James utiliza uma proposição de valor para compreender o sentimento imediato, suas relações com a experiência, necessidades morais e com o que é julgado como verdadeiro. Em síntese, o autor elenca os seguintes critérios legítimos de avaliação: **luminosidade imediata, razoabilidade filosófica e valor moral**.

Observa-se que Jung e James buscam compreender o valor do universal na experiência subjetiva. Para James (1902/1991), a experiência subjetiva é mais importante para o indivíduo do que o estabelecimento de uma visão de mundo puramente científica e que tenha valor puramente abstrato. Para Jung (1921/2020), o método construtivo busca desenvolver o material do inconsciente coletivo na consciência individual, e “o método construtivo não elabora aquilo que se poderia chamar de uma teoria científica, mas uma **linha de desenvolvimento psicológico, um caminho**” (Jung, 1914/2020, §422, p. 214, destaque do autor). Como foi salientado, de acordo com Jung (1916/2020), o valor dessa linha de desenvolvimento psicológico – **processo de individuação** – é atestado pelo seu valor vital, um critério pragmático para justificar a cientificidade de sua psicologia.

Essas concepções a respeito da verdade pragmática merecem uma explanação mais precisa do ponto de vista conceitual, enquanto critérios de validade na prática da psicoterapia. De acordo com Pereira, (2007) o método pragmático de James apresenta-se como eixo de conduta terapêutica na conferência “Os objetivos da psicoterapia” (OC 16/1), na qual Jung (1929/2020) faz uso do pluralismo para diferenciar as antinomias. Pereira

(2007) afirma que o pragmatismo tornou-se ainda mais evidente quando Jung descreveu a neurose contemporânea generalizada, condição em que os pacientes encontram-se, “devido à falta de sentido e conteúdo de suas vidas” (Jung, 1929/2020, §83, p. 54). Pereira (2007) indica que, nesses casos, o critério de verdade estabelecido por Jung tem como base o efeito pragmático da interpretação simbólica, que se apresenta nos termos de fator/efeito eficaz e efeito estimulante.

Segundo Jung (1929/2020), a interpretação construtiva revela o fator eficaz. O fator eficaz pode ser definido como o valor energético dos conteúdos inconscientes, na medida em que seu conceito de libido “traduz a energia de **valores psicológicos** [...] [sendo este] algo que produz um efeito” (Jung, 1914/2020, §418, p. 212, destaque do autor).

Ao mencionar o trabalho com os sonhos para lidar com a neurose contemporânea generalizada, Jung (1929/2020) indica que menos importa entender a causa do que compreender a finalidade dos conteúdos oníricos:

Nem sei como se formam os sonhos [...] sei que quase sempre dá bons resultados fazer uma meditação verdadeira e profunda sobre o sonho [...] esses resultados não são científicos [...], mas na prática é um aviso importante, que indica ao paciente em que direção aponta o inconsciente (Jung, 1929/2020, §86, p. 55).

Jung (1929/2020), ao analisar um sonho prospectivo, afirmou que, muitas vezes, não compreendia o sentido de antemão, mas deixou claro que o importante seria seguir os rastros, pois, “o único critério é o efeito estimulante eficaz, mas isso não quer dizer que tenhamos que entender por que tal estímulo ocorre” (§89, p. 56). Para Jung, “o que é preciso fazer é procurar, junto com o paciente, o fator **eficaz** – quase ia dizendo, a coisa **verdadeira**” (§95, p. 57, destaque do autor).

É interessante traçar um paralelo dessa desconsideração de Jung em entender como o estímulo do efeito eficaz ocorre – a sua causa – com a avaliação de James acerca dos efeitos de uma conversão religiosa. James (1902/1991) analisou o caso de um homem que vivenciava compulsões sexuais e de embriaguez e que, através de uma experiência religiosa imediata, adquiriu uma nova atitude espiritual em que os sintomas desapareceram. James destaca que, nesses casos, deve-se abandonar a maneira como o processo se produz e voltar a atenção para os efeitos produzidos pela experiência. O autor faz uma analogia na qual a mente humana é um sólido multifacetado, que pode se deslocar de uma superfície inferior para outra superior. Para James (1902/1991), é como se uma alavanca pudesse promover um impulso: caso não haja força suficiente, a gravidade impele a atitude a recair na superfície inferior, mas, caso haja um impulso forte suficiente, no sentido de atingir uma determinada intensidade através de uma nova emoção, há a possibilidade de uma transformação. Nesse contexto, James destaca que não importa o estabelecimento da causa – juízo existencial –, pois o que interessa é avaliar

o valor vital que emerge nessa nova atitude, em seu sentido prospectivo e de acordo com os critérios do juízo espiritual.

Como mencionado, Jung considerava que a interpretação correta de um símbolo corresponde a uma visão pragmática, que busca a revelação do valor vital. A fixação em um complexo parental pode ser compreendida do ponto de vista redutivo ou construtivo, ainda que “só no caso de o símbolo oferecer um declive maior que o da natureza é possível transferir a libido a outras formas” (Jung, 1928/2020, §91, p. 60). Nesse ponto, mesmo que a explanação de James faça uso de uma analogia mecânica, esta vai ao encontro da concepção energética de Jung, à medida que o valor do conteúdo simbólico, que aponta para o desenvolvimento psíquico, ultrapassa o valor da causa elementar da neurose, emergindo não mais como um sinal da instintividade, mas como um verdadeiro símbolo de um sistema espiritual (Jung, 1928/2020).

O exemplo dado por Jung na conferência “A interpretação psicológica dos processos patológicos” pode jogar luz sobre essa questão. Jung (1914/2020) descreveu o caso de um paciente que tinha pouca força de vontade, era preguiçoso, e teve um leve mal-estar físico que o levou a um estado de desespero e passividade. O homem teve o seguinte sonho: “um homem lhe deu de presente uma espada antiga, muito singular, que trazia estranhas inscrições arcaicas. O sonhador gostou imensamente do presente” (§400, p. 205). Para Jung, o paciente tinha um complexo paterno e desejava adquirir o arcaico poder fálico do pai, porém, isso já era óbvio para ambos. Por mais que a redução do símbolo fosse correta, não trazia nada de novo. Em outros termos, não produzia uma saída da estagnação. Jung (1914/2020) relata que o paciente associou o homem do sonho a um amigo da juventude que havia sofrido de uma severa tuberculose e que suportou a enfermidade com coragem e vontade de viver. A espada foi associada a uma herança da humanidade, uma arma de defesa e ataque contra os perigos da vida. Jung (1914/2020) concluiu que:

Seu jovem amigo ofereceu um exemplo inestimável de como é possível vencer o perigo de vida por meio de uma decisão firme e corajosa. As palavras “eu quero” são a herança mais antiga da humanidade [...] constitui a proteção da humanidade civilizada contra o animal [...] este sonho abriu para o paciente um caminho novo, no sentido de uma perspectiva mais idealista que o redimiu da autocomiseração da infância, conduzindo-o a uma atitude que sempre auxiliou a humanidade na iminência das ameaças e perigos (§403, p. 205).

Considerando o exemplo exposto, o valor vital revela-se através da compreensão prospectiva segundo o método construtivo, sendo essa a interpretação correta – visto que produz o efeito eficaz e possibilita o fluir da vida e a saída da estagnação (Jung, 1929/2020). Quando se aplica os

critérios do juízo espiritual de James, pode-se dizer que o paciente obtém uma **luminosidade imediata**, pois torna-se consciente de uma nova perspectiva psíquica orientada para o futuro; há **razoabilidade filosófica** em sua compreensão, pois essa atitude é possível de ser aplicada e vivenciada em sua vida atual e concreta; e o **valor moral** corresponde à implicação sentimental e subjetiva do sonhador, à medida que a mudança de atitude requeira a assimilação de tais valores em sua nova atitude consciente. Em última instância, os critérios do juízo espiritual de James que avaliam o valor vital poderiam ser parafraseados como um julgamento de valor que traz à consciência uma atitude psíquica renovada e filosoficamente aplicável à vida prática.

Todavia, há alguns elementos que diferenciam o juízo espiritual de James do método de Jung. Primeiro, o fato de que Jung (1921/2020) utilizava paralelos mitológicos e da história das religiões – método comparativo – para amplificar o sentido das expressões simbólicas. Segundo, porque o método da psicologia analítica fundamentava-se na necessidade de considerar a finalidade dos símbolos segundo sua realidade irracional, que somente pode ser solucionada através da função irracional: a intuição como percepção por via inconsciente (Jung, 1921/2020).

Observa-se que no exemplo clínico apresentado, Jung amplificou a imagem da espada segundo seu motivo típico, assim como fez uso da intuição para compreender a finalidade irracional do símbolo. Mas, independentemente dessas diferenças, o critério de verdade para Jung continuou sendo pragmático, uma vez que o sentido circunscrito da amplificação e do fator irracional é avaliado através do valor vital que se revela na nova atitude – símbolo vivo – produzida pela colaboração com os fatores inconscientes, e na necessidade de um confronto moral com as imagens simbólicas na compreensão e assimilação de seu sentido. Em última análise, pode-se afirmar que o critério da verdade do método construtivo fundamenta-se na concepção da verdade instrumental do pragmatismo, de modo que os critérios do juízo espiritual de James auxiliam na elucidação do valor vital e podem servir como critérios pragmáticos para avaliar a interpretação correta de um símbolo na prática da psicoterapia.

## Considerações finais

A compreensão das concepções epistemológicas e metodológicas de uma ciência psicológica é indispensável para fundamentar seu campo de pesquisa e prática clínica. O presente artigo teve como um dos propósitos sintetizar as influências epistemológicas do pragmatismo na psicologia de Jung.

O pragmatismo de James mostra-se de grande importância epistemológica para a construção da psicologia de Jung, na medida em que o auxiliou a superar diversas contradições do próprio objeto de estudo. O pragmatismo é tanto um método quanto uma teoria da verdade. Percebeu-se que mesmo Jung tendo estabelecido críticas e limites para o método pragmático, a teoria

da verdade pragmática deixou marcas permanentes em sua psicologia, dos pontos de vista científico e de sua prática clínica.

Neste artigo, analisou-se a relação entre o método de James e o método de Jung. Tanto o juízo espiritual de James como o método construtivo de Jung têm o intuito de apreender de forma prospectiva o valor das experiências subjetivas. Percebeu-se ainda que há uma correspondência entre os critérios do juízo espiritual e a compreensão da finalidade simbólica para Jung. No entanto, tais critérios pragmáticos devem estar acompanhados do método intuitivo e comparativo na interpretação simbólica. Os critérios do juízo espiritual de James evidenciam-se como um importante critério de verdade – uma bússola prática – para entender a eficácia do método construtivo da psicologia analítica na prática da psicoterapia.

Reitera-se que ainda há poucas pesquisas que articulem a relação entre o pragmatismo e a psicologia analítica. Considerando a fundamental influência de James na psicologia de Jung, o presente artigo buscou contribuir na medida do possível para a construção dessa ponte.

## Referências

- Carotenuto, A. (1984). *Diário de uma secreta simetria: Sabina Spielrein entre Jung e Freud*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gadamer, H.-G. (2014). *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (Vol. 1). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1960).
- Goethe, J. W. (2019). *Fausto: uma tragédia* (Parte 2). São Paulo: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1832).
- James, W. (1950). *The principles of psychology* (Vol. 2). New York: Dover Publications. (Trabalho original publicado em 1890).
- James, W. (1991). *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1902).
- James, W. (2006). *Pragmatismo*. São Paulo: Martin Claret. (Trabalho original publicado em 1907).
- Jung, C. G. (1958). *Vorrede von Carl Gustav Jung*. In Wolff, T. *Studien zu C. G. Jungs psychologie*. Zürich: Daimon-Verlag.
- Jung, C. G. (2002). *Cartas de C. G. Jung: 1906-1945* (Vol. 1, E. Orth & A. Jaffé, eds.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1945).
- Jung, C. G. (2020). *A autonomia do inconsciente*. In *Psicologia e religião* (OC, Vol. 11/1, pp. 17-50). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1939).

- Jung, C. G. (2020). *A energia psíquica* (OC, Vol. 8/1). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Jung, C. G. (2020). A estrutura do inconsciente. In *O eu e o inconsciente* (OC, Vol. 7/2, pp. 133-170). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1916).
- Jung, C. G. (2020). A fenomenologia do espírito no conto de fadas. In *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (OC, Vol. 9/1). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1945).
- Jung, C. G. (2020). A interpretação psicológica dos processos patológicos. In *Psicogênese das doenças mentais* (OC, Vol. 3, pp. 200-215). Petrópolis, RJ; Vozes. (Trabalho original publicado em 1914).
- Jung, C. G. (2020). Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico. In *A natureza da psique* (OC, Vol. 8/2, pp. 104-185). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1946).
- Jung, C. G. (2020). Determinantes psicológicas do comportamento humano. In *A natureza da psique* (OC, Vol. 8/2, pp. 60-71). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1936).
- Jung, C. G. (2020). Introdução "A psicanálise". In *Freud e a psicanálise* (OC, Vol. 4, pp. 319-327). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1930).
- Jung, C. G. (2020). Os fundamentos psicológicos da crença nos espíritos. In *A natureza da psique* (OC, 8/2, pp. 254-273). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1919).
- Jung, C. G. (2020). Os objetivos da psicoterapia. In *A prática da psicoterapia* (OC, 16/1, pp. 48-65). Petrópolis, RJ: Vozes (Trabalho original publicado em 1929).
- Jung, C. G. (2020). Psicologia analítica e educação. In *O desenvolvimento da personalidade* (OC, Vol. 17, pp. 73-148). Petrópolis, RJ: Vozes (Trabalho original publicado em 1926).
- Jung, C. G. (2020). *Psicologia do inconsciente* (OC, Vol. 7/1). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1917).
- Jung, C. G. (2020). Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica. In *Freud e a psicanálise* (OC, Vol. 4, pp. 97-230). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1912).
- Jung, C. G. (2020). *Tipos psicológicos* (OC, Vol. 6). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1921).
- Jung, C. G., & Jaffé, A. (Orgs.). (2016). *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Trabalho original publicado em 1961).
- Mancini, M. C., & Sampaio, R. F. (2006). Quando o objeto de estudo é a literatura: estudos de revisão [Editorial]. *Brazilian Journal of Physical*

*Therapy*, 10(4), 361-472. <https://doi.org/10.1590/S1413-35552006000400001>.

- McGuire, W., & Hull, R. F. C. (1977). A arte de viver. In C. G. Jung: *entrevistas e encontros*. São Paulo: Cultrix.
- Nagy, M. (2003). *Questões filosóficas na psicologia de C. G. Jung*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Nietzsche, F. (2021). *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1883).
- Pereira, H. C. (2007). *O laboratório analítico: a psicologia de C. G. Jung examinada pela teoria do ator-rede*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Recuperado em 15 de fevereiro de 2022, de <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/15057>.
- Pinheiro, H. A. (2021). O método de Jung. Fortaleza: Amazon.
- Resende, P. H. C. (2016). *Os efeitos da teoria de William James sobre a obra de Carl Gustav Jung: a psicologia da experiência religiosa*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei.
- Shamdasani, S. (1999). Memories, dreams, omissions. In P. Bishop (Ed.), *Jung in contexts: a reader* (pp. 33-50). London: Taylor & Frances/Routledge.
- Shamdasani, S. (2021). *Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência*. São Paulo: Ideia e letras. (Trabalho original publicado em 2003).
- Taylor, E. (1980). William James and C. G. Jung. *Spring: a Journal for Archetypal Psychology and Jungian Thought*, 20, 157-169.
- Wahba, L. L. (2019). A criação de sensibilidades: epistemologia e método na psicologia analítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3548. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3548>.
- Wharton, B. (Trad.) (2001). The letters of C. G. Jung to Sabina Spielrein. *Journal of Analytical Psychology*, 46, 173-199. <https://doi.org/10.1111/1465-5922.00222>.

---

**Minicurrículo:** Felipe Lima Barbugiani - Psicólogo clínico pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR); formação no curso de Psicologia Complexa do Instituto Dédalus; pós-graduando em Psicologia Analítica pelo Instituto Dédalus. Psicólogo clínico (Curitiba/PR). E-mail: felipecripta@gmail.com